



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

"É NESSE LUGAR QUE DEUS QUER NOS LEVAR...":  
METÁFORAS DE ESTRUTURA DE EVENTO E PERSONIFICAÇÃO NO  
DISCURSO RELIGIOSO EVANGÉLICO.

Verônica de Araújo Dornelas Dutra

Rio de Janeiro  
2017

VERÔNICA DE ARAÚJO DORNELAS DUTRA

DRE: 111367505

"É NESSE LUGAR QUE DEUS QUER NOS LEVAR...":  
METÁFORAS DE ESTRUTURA DE EVENTO E PERSONIFICAÇÃO NO  
DISCURSO RELIGIOSO EVANGÉLICO.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Literatura.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Doutora Lilian Vieira Ferrari.

RIO DE JANEIRO  
2017

Dutra, Verônica de Araújo Dornelas.

"é nesse lugar que Deus quer nos levar...": Metáforas de Estrutura de Evento e Personificação no discurso religioso evangélico. / Verônica de Araújo Dornelas Dutra. – 2017  
36 f.

Orientadora: Lilian Vieira Ferrari.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Referências: f. 34-35.

1. Metáforas. 2. Estrutura de Evento e Personificação no discurso religioso I. Dutra/ Verônica de Araújo Dornelas. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2017). III. Título.

CDD(fornecido pela biblioteca)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, e inevitavelmente recorrendo às metáforas: que é o Alfa e o Ômega. A Deus que, metáforas à parte, é literalmente: o que é, o que era e o que há de vir. Agradeço ao Senhor pela força, quando eu achava que não teria. Pela fé, que me fez chegar até aqui e, eu sei, vai me levar muito além do que eu posso imaginar. Ao Eu Sou o que Sou, ao meu Criador dedico minha gratidão, ofereço minha vida e entrego tudo o que há de mim.

Aos meus pais, Lia Mara e Eduardo Jorge, pelo amor, pelas palavras de incentivo e apoio incondicional. Por acreditarem que sou capaz, e me ensinarem a amar a Deus sobre todas as coisas. Por me instruírem a respeito do amor, me amando. Obrigada por mostrarem a importância do estudo para minha formação identitária. Agradeço com a consciência de que, nada do que eu fizer durante toda a minha existência será suficiente para retribuir tudo de vocês mesmos, que ofertam a mim, com tanto amor, todos os dias. Sem vocês nada disso seria possível. Agradeço às minhas irmãs Vanessa, Vivian e Veruska pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhoraram não só o meu trabalho, mas a mim mesma. Vocês são essências e significativas para o que tenho produzido na vida. Aos meus preciosos sobrinhos Kadu, Sofia e Manu, meus melhores e maiores presentes... Às minhas avós Afra (in memoriam) e Valderez pelo encorajamento, pelas orações e pelos valores, que vou guardar pra sempre.

A minha excepcional orientadora, pela sabedoria, que precede a inteligência em cada palavra durante sua orientação. Pela humildade, que a transporta do excelente ao extraordinário. Pela paciência, que fomentou ainda mais minha admiração. Louvo ao Senhor pela sua vida e me sinto muito honrada em receber um pouco do seu brilhantismo, muitíssimo obrigada!

Ao pastor Luciano Subirá, por permitir-se ser instrumento divino. Obrigada por me inspirar a buscar o conhecimento de Deus, intimidade com o Espírito Santo e infinita gratidão por Jesus Cristo. Ofereço meu reconhecimento por me fazer entender “o anseio de Deus de nos levar a um lugar mais profundo Nele” e de alcançar “aquele lugar aonde nada, nada, nada mais importe!”

Às minhas amigas Joyce e Verónica, fiéis companheiras, por fazerem essa trajetória tornar-se inesquecível. Aos professores de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que fizeram parte da minha formação acadêmica, assim como meus colegas de turma. A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha graduação, o meu muito obrigada.

*“Há um lugar de descanso em Ti  
Há um lugar de refrigério em Ti  
Há um lugar onde a verdade reina  
Esse lugar é no Senhor*

*Há um lugar onde as pessoas não me influenciam  
Há um lugar onde eu ouço teu Espírito  
Há um lugar de vitória em meio à guerra  
Esse lugar é no Senhor*

*Há um lugar onde a inconstância não me domina  
Há um lugar onde minha fé é fortalecida  
Há um lugar onde a paz é quem governa  
Esse lugar é no Senhor*

*Há um lugar onde os sonhos não se abortam  
Há um lugar onde os seus medos não te dominam  
Há um lugar que quando se perde é que se ganha  
Esse lugar é no Senhor”*

(Heloísa Rosa)

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Pressupostos teóricos.....	7
2.1. Linguística Cognitiva.....	7
2.2. Teoria da Metáfora Conceptual .....	8
2.2.1. Domínios e frames.....	10
2.2.2. Esquema imagético .....	10
2.2.3. Metáforas ontológicas .....	12
2.2.4. Metáforas primárias.....	12
2.2.5. Metáfora do Conduto .....	14
3. Metodologia: Objetivos/ Justificativa.....	15
3.1. Dados.....	15
3.2. Hipóteses:.....	15
4. Análise:.....	16
4.1. Esquema imagético de trajetória.....	17
4.1.2 A vida espiritual é Movimento Direcionado .....	20
4.2. Metáfora de Estrutura de Evento - Objeto .....	25
4.2.1. Metáfora do conduto .....	27
4.3. Personificação.....	28
4.4. Deus: condutor, local ou objeto? .....	29
4.5. Metáforas Primárias.....	31
5. Conclusão .....	32

## 1. Introdução

A linguagem figurada é estudada e discutida desde a antiguidade grega. Aristóteles assume a metáfora como parte do sistema filosófico, na retórica e na poética, destacando que seu efeito persuasivo deveria ser evitado na linguagem objetiva. Assim, através da propagação da retórica, ocorreu um processo de exclusão e desvalorização do uso metafórico, que se estendeu por muito tempo, caracterizando o recurso como um fútil e simples ornamento. Dentro dessa perspectiva, a metáfora foi conceituada como mecanismo poético, não pertencente à linguagem diária.

Essa percepção começa a ser reformulada a partir do século XX, em que a Linguística Cognitiva analisa de maneira sistemática e abrangente os fenômenos da linguagem. Por intermédio dessa teoria, George Lakoff e Mark Johnson (1980), em ‘Metaphors we live by’, contestam a tradição aristotélica da metáfora como figura retórica de adorno, postulando que esse mecanismo tem papel central na cognição humana e na vida cotidiana. Sendo assim, os autores defendem que o sistema conceitual ordinário, pelo qual ocorrem os pensamentos e as ações, é de natureza metafórica.

No que se refere ao discurso religioso, Lakoff e Johnson (1999) apontam a importância do Sistema da Metáfora Moral, em que Deus é concebido como Pai Severo ou Pai Protetor. Em relação ao português brasileiro, o estudo de Feltes e Granzotto (2007) evidencia o modelo de Deus Pai Severo no sistema religioso dos imigrantes italianos. Além disso, são encontrados estudos voltados a subtemas específicos, tais como prosperidade (Leme, 2003), casamento (Costa, 2010) e a conceptualização de Deus no discurso evangélico (Lopes, 2015).

Em especial, quando se trata da linguagem sobre a Divindade, Dancygier e Sweetser (2014) declaram que teólogos judeus e cristãos reconhecem que Deus é acessível apenas em parte à experiência humana. Dada a parcialidade do acesso ao divino, que extrapola a experiência humana, é impossível expressar integralmente na linguagem e no pensamento humanos conceitos tão sublimes e poderosos ligados ao divino. Cristãos, pensadores, tal qual membros de muitas outras religiões valem-se, então, das metáforas para falar sobre o transcendental.

Os estudos mencionados indicam que as metáforas têm papel fundamental na estruturação do discurso religioso. Na esteira dessas contribuições, o presente estudo pretende analisar a linguagem oral religiosa, enfocando as metáforas evocadas ao longo de um culto evangélico.

O trabalho é dividido em 5 seções basilares, além da presente seção, que compreende a Introdução. A seção 2 apresenta e descreve os pressupostos teóricos que embasaram a pesquisa, dividindo-se nas seguintes subseções: Linguística Cognitiva, (seção 2.1.); Teoria da Metáfora Conceptual, (seção 2.2.); *Domínios* e frames, (seção 2.2.1.); Esquema imagético, (seção 2.2.2.); Metáforas ontológicas, (seção 2.2.3.); Metáforas primárias, (seção 2.2.4.) e Metáfora do conduto, (seção 2.2.5.). A seção 3 detalha a metodologia, citando: objetivos, justificativa, dados e hipótese. A seção 4 compreende o exame dos dados e subdivide-se em: 4.1. Esquema imagético de trajetória; 4.1.2. A vida espiritual é Movimento Direcionado; a subseção 4.2. Metáfora de Estrutura de Evento – Objeto; 4.2.1. Metáfora do conduto; a subseção 4.3 Personificação; a 4.4. Deus: condutor, local ou objeto? E a última subseção, 4.5. Metáforas primárias. Por fim, a seção 5 compreende a conclusão da análise.

## **2. Pressupostos teóricos**

Nesta seção, o embasamento teórico da pesquisa será apresentado. A partir da perspectiva da Linguística Cognitiva, enfocaremos a Teoria da Metáfora Conceptual, de George Lakoff e Mark Johnson (1980), e seus aprofundamentos posteriores (Lakoff & Johnson, 1999; Dancygier e Sweetser (2014).

### **2.1. Linguística Cognitiva**

O presente trabalho baseia-se fundamentalmente na Linguística Cognitiva, que consiste no estudo da linguagem como reflexo das habilidades cognitivas e processos neurais em geral.

Na década de setenta, foi iniciada nos Estados Unidos uma investigação em dimensões mais vastas do que as vistas até o momento a respeito da cognição humana, que contou com a



participação de grupos de diversas áreas, o que explica as múltiplas perspectivas das inúmeras abordagens teóricas que, focadas em diferentes propriedades, compartilham hipóteses relacionadas à linguagem humana, como a relevância do significado, uma das diretrizes da teoria. A Linguística Cognitiva trata de modo particular as questões semânticas e pragmáticas, o que a difere das outras áreas; suas principais premissas desdobram-se do significado assumido como construção mental constantemente categorizado e recategorizado, tendo como ponto de partida estruturas cognitivas e modelos de crenças socioculturais. As ocorrências linguísticas são analisadas pelas diversas vertentes que compõem a Linguística Cognitiva, apoiando-se em um conjunto de constructos, dos quais se evidenciam: a noção de perspectiva, a base experiencial do uso linguístico, a dinamicidade da gramática, a não autonomia entre sistemas cognitivos, espaços mentais e modelos cognitivos idealizados.

## **2.2. Teoria da Metáfora Conceptual**

A cognição humana baseia-se no sistema conceitual ancorado no corpo (*embodied cognition*). Tal pressuposto, assumido pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson (1980, 1999), que se situam entre os principais representantes da Linguística Cognitiva, se afasta da concepção clássica. A Teoria da Metáfora Conceptual parte do postulado de que pensamentos e ações humanas podem ser estruturados em termos de mapeamentos metafóricos em que *domínios* abstratos são compreendidos em termos de *domínios* relativamente concretos.

Os conceitos que regem os pensamentos estruturam a percepção, o comportamento, a maneira de lidar com outras pessoas e, principalmente, a linguagem. Admitir que a metáfora permeie esse sistema é admitir ainda que muitos conceitos essenciais ao homem são abstratos e parecem confusos ao entendimento humano, tais como as emoções e o tempo. Para serem capturados, esses conceitos necessitam de bases experienciais mais sólidas, tais como orientações espaciais ou objetos.

O sistema proposto não é consciente, mas atua nos chamados ‘bastidores da cognição’ (Fauconnier, 1994). Portanto, uma opção para compreensão do pensamento metafórico é observar a linguagem, que fornece evidências do que é o sistema conceitual. Cabe aqui a distinção entre expressão metafórica e metáfora conceptual: as metáforas conceptuais ocorrem

no nível do pensamento, enquanto diferentes expressões metafóricas ocorrem no nível da linguagem e podem designar uma mesma metáfora conceptual, estabelecendo mapeamentos entre *domínio*-fonte e *domínio*-alvo. O primeiro é o *domínio* de origem, que contém frames suficientemente elaborados para serem projetados no *domínio* alvo, resultando na construção da metáfora. A relação entre a fonte e o alvo é a similaridade experienciada entre os conceitos relativos a ambos. Dentro dessa perspectiva, Lakoff e Johnson (1980) analisam uma série de mapeamentos metafóricos, como TEMPO É DINHEIRO, ARGUMENTO É GUERRA, A VIDA É UM RECIPIENTE e SIGNIFICATIVO É GRANDE, entre outros.

A AUTORIDADE MORAL é um recurso importante à análise do discurso religioso. George Lakoff e Mark Johnson (1999) apresentam a METÁFORA MORAL, cuja pressuposição é a de que nosso sistema moral fundamenta-se na moralidade da família. Dancinger e Sweetser (2014) afirmam que metáforas a respeito de Deus muitas vezes são compreendidas de forma mais clara, quando reproduzem a interação humana com Deus, ou a interação de Deus com os seres humanos. PAI SEVERO é a Metáfora Conceitual apontada por Lakoff e Johnson, que designa a autoridade guiada por punições e recompensas. Já a Metáfora Conceitual de PAI PROTETOR indica que através do amor obtém-se respeito e obediência.

Os autores destacam que as metáforas estabelecem o entendimento de um *domínio* de experiência por meio de outro e servem como meio de compreender uma ideia tendo em vista seu princípio empírico. Os *domínios* de experiência são organizados como gestalts e surgem em decorrência de experiências corpóreas, envolvendo fenômenos perceptivos e motores, derivados da reação com o ambiente físico, como mover e manusear objetos, e da interação com outras pessoas que compartilhem uma mesma base cultural, social, política, religiosa, entre outras.

É válido mencionar que estudos mais recentes têm demonstrado que é possível pensar a metáfora quanto à metaforicidade, ou seja, em seu aspecto gradual e multimodal (Cameron, 2003; Müller e Cienki, 2008). A metaforicidade é um princípio cognitivo geral, que pode gerar elaborações metafóricas em diversas modalidades (verbais, gestuais e verbo-gestuais), em usos sucessivos e encaixados em longos trechos de discurso.

Com relação às metáforas verbais analisadas neste trabalho, a metaforicidade se verifica a partir de ‘idas e vindas’ de uma mesma metáfora conceitual, refletida em diferentes expressões metafóricas, ao longo do discurso. Como será descrito na seção de análise, há um grupo de metáforas conceituais que estruturam efetivamente a pregação.

### **2.2.1. Domínios e frames**

Dancygier e Sweetser (2014), no livro ‘Figurative language’, reavaliam a utilização do termo *domínio* como base para o mapeamento metafórico, definindo o *domínio* como um fragmento de matéria conceitual que contém estrutura a ser projetada para outro *domínio* ou receber tal projeção. As autoras sugerem que o conceito de ‘frame’, introduzido por Fillmore (1982, 1985) para designar um sistema estruturado do conhecimento, organizado por esquematizações fornecidas pelas experiências do indivíduo, é mais adequado para representar os mapeamentos que ocorrem nas metáforas. Isso porque um aspecto de um frame fornece acesso a toda a sua estrutura (Gestalt), e componentes de estrutura individuais são compreendidos no contexto de todo o frame. As autoras comentam ainda que um *domínio* de origem ou de destino metafórico pode envolver muitos níveis de frames e subframes.

Tendo em vista que o *domínio* constitui um elemento ligado a uma estrutura conceitual, de qualquer tipo, os frames fornecem, assim, uma maneira mais clara de identificar os aspectos dos *domínios* envolvidos em mapeamentos metafóricos.

### **2.2.2. Esquema imagético**

Os frames podem ser estruturados por esquemas imagéticos que constituem, muitas vezes, o *domínio* fonte da correspondência metafórica. Nos termos de Johnson (1987), Esquema Imagético constitui uma estrutura esquemática com aspectos espaciais, tais como as diversas forças que afetam o corpo humano; a gravidade é um exemplo dessa configuração. É composto, fundamentalmente, pela versão esquemática de imagens, tidas como representações de experiências corporais sensoriais e/ou perceptuais, na interação do homem com o mundo. Essa estrutura, segundo Dancygier e Sweetser (2014), constitui o nível mais

esquemático de conceituação de experiência. Não são conceitos detalhados, mas abstratos, que resultam de experiências recorrentes de base corpórea.

O esquema imagético de FORÇA, por exemplo, deriva algumas projeções metafóricas. Pode-se dizer que a força exerce influência física sobre objetos, o que pode ocasionar o movimento, a manutenção da posição ou mesmo a mudança de forma. Essa afetação que a força pode ocasionar no objeto implica na relação experiencial entre Causação e Força, dando origem à metáfora CAUSAS SÃO FORÇAS, exemplificada na seguinte frase “Esse mês, ele ficou bem apertado”. A metáfora conceptual apresentada possui algumas metáforas relacionadas como CAUSALIDADE É MOVIMENTO FORÇADO e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS AUTO-PROPULSIONADOS, utilizados frequentemente em construções metafóricas que indicam força, como em: “Ele foi arrastado à escola hoje”.

Os mapeamentos apresentados são alguns dos que compõem o esquema metafórico denominado LOCATION EVENT STRUCTURE METAPHOR (LOCATION ESM), traduzido como METÁFORA DE ESTRUTURA DE EVENTO - LOCATIVA (ESM-LOCATIVA), cuja fonte é formada pelos esquemas mencionados de Força e Movimento Direcionado a um Local, já o alvo pode designar qualquer situação estática, qualquer caso de causalidade, ou qualquer atividade com propósito.

Outra metáfora encontrada no discurso é a Metáfora de Estrutura de Evento de Objeto (ESM-OBJETO), que utiliza o esquema imagético ‘objeto’ para tratar eventos e situações. Em certa medida é o inverso da ESM-LOCATIVA: a ESM-OBJETO trata atributos ou situações como objetos móveis que podem ser adquiridos, enquanto o ESM Locativa trata-os como localizações fixas para as quais (e das quais) os participantes se movem. A ESM-OBJETO permite, por exemplo, que estados corporais sejam descritos como posse ou transferência de objeto (exs. ter uma gripe; pegar um resfriado). Esse tipo de mapeamento inclui-se entre as metáforas denominadas ontológicas, a serem descritas na seção a seguir.

Para finalizar esta seção, entretanto, faz-se necessário destacar o Princípio da Invariância, proposto por Lakoff e Johnson (1980) para delimitar a projeção entre *domínios*. Os autores postulam que a estrutura do esquema imagético do *domínio* fonte precisa ser consistente com a estrutura estabelecida pelo *domínio* alvo, impondo restrições ao

mapeamento e garantindo que inferências significativamente distintas, sem nenhuma compatibilidade, não sejam projetadas. Por exemplo, na metáfora TEMPO É DINHEIRO (ex. gastar tempo, investir tempo, etc.) desconsidera-se que a fonte de renda é proveniente, na maioria das vezes, do trabalho do indivíduo, ou mesmo, que é preciso ir ao banco para ter o dinheiro em mãos, entre outros.

### **2.2.3. Metáforas ontológicas**

As metáforas ontológicas são exemplos de mapeamentos em que uma entidade abstrata é personificada (tratada como uma pessoa) ou objetificada (tratada como uma coisa). No caso da objetificação, a metáfora ontológica IDEIAS SÃO OBJETOS, por exemplo, permite que o falante ‘lance uma ideia’ para que o interlocutor a ‘pegue’ ou ‘repasse’. Assim, uma das maneiras dos indivíduos compreenderem experiências como eventos, atividades, emoções, ideias, etc. é por meio de entidades ou substâncias, que lhes permitem categorizar, agrupar, quantificar e refletir a respeito delas.

Outro tipo de metáfora ontológica, indispensável ao exame do corpus destacado, é a personificação, que consiste em tratar conceitos abstratos como pessoas como forma de tornar esses conceitos mais acessíveis.

A personificação consegue, entre outras coisas, o que Fauconnier e Turner (2002) se referem como a compressão à escala humana. Assim, tendo em vista que os Estados Unidos, em toda a sua complexidade como nação, reflete um conceito que não é tão acessível à escala humana, pode-se raciocinar sobre o país em termos de “Tio Sam”. Conforme assinalado pelas autoras de *Figurative Language*, Barbara Dancygier e Eve Sweetser (2014), um país tido como uma pessoa constitui uma metáfora ontológica que torna a referência mais próxima à experiência humana,

### **2.2.4. Metáforas primárias**

Com relação ao contraste concreto/abstrato na metáfora, Sweetser (1990) e Dancygier & Sweetser (2014) argumentam que esse contraste deve ser reavaliado como algo relacionado à intersubjetividade, ou seja, em termos *domínios* mais e menos acessíveis. É possível citar o exemplo de dois *domínios* concretos (altura vertical e quantidade ou volume), que se tornam *domínio* fonte e *domínio*-alvo em uma Metáfora Primária (ex. inflação alta), testificando que *domínios*-alvo não têm de ser necessariamente abstratos. Dessa forma, mesmo para metáforas procedentes da base experiencial, há objeções em manter a ideia de que as metáforas são sempre sobre a compreensão do abstrato em termos do concreto.

As metáforas primárias têm origem em cenas básicas da interação da criança com o ambiente físico, em que se correlacionam, por exemplo, altura e poder ou altura e quantidade. Essas cenas desenvolvem uma correlação entre entrada experiencial física e julgamento subjetivo ou avaliação. Desenvolvidas por Grady (1997, 1998) e Johnson (1997), as metáforas primárias mencionadas resultam da ideia de que a experiência física de uma criança cuja inferioridade com relação ao seu cuidador adulto se correlaciona com uma experiência subjetiva de ser menos poderoso; de modo semelhante, a observação física da altura de um líquido dentro de um recipiente qualquer pode ser correlacionada desde cedo com uma avaliação do aumento da quantidade. Dentre os exemplos dessa categoria, incluem-se: MAIS É PARA CIMA/MENOS É PARA BAIXO, BOM É PARA CIMA/RUIM É PARA BAIXO, TER CONTROLE ou a FORÇA ESTÁ ACIMA, ESTAR SUJEITO AO CONTROLE OU A FORÇA ESTÁ ABAIXO.

Ainda de acordo com Grady (1997), algumas metáforas primárias podem estar vinculadas a metáforas mais complexas, tais como TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS. Essas metáforas primárias motivam alguns mapeamentos comumente encontrados. Por exemplo, como parte da metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, encontra-se a metáfora primária DEPENDÊNCIA É APOIO FÍSICO, que pode estar associada a diversos exemplos experienciais de crianças pequenas, como uma pilha montada com blocos, que se desmonta quando suas bases não estão eretas. Além disso, o fato de que as crianças, mesmo pequenas, já classificam os objetos em coleções por categoria, criando uma pilha de livros e outra pilha de bonecas ou carrinhos, direciona a outra metáfora primária ORGANIZAÇÃO ABSTRATA É ESTRUTURA FÍSICA, que também pode integrar a metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS.

### 2.2.5. Metáfora do Conduto

A metáfora do conduto **COMUNICAÇÃO VERBAL É TRANSFERÊNCIA DE OBJETO** é outro constructo teórico essencial para este estudo. Essa metáfora foi postulada por Reddy, em 1979, e retomada por Lakoff e Johnson (1980), configurando a comunicação como transferência de objetos (trata-se, portanto, de um tipo de metáfora ontológica). Dentro dessa perspectiva, as interações comunicativas compreendem recipientes (expressões linguísticas), contendo significados, que são entregues do falante ao ouvinte, e vice-versa. Os conteúdos percorrem, metaforicamente, ‘condutos’ até que sejam ‘desempacotados’ pelo ouvinte para que a sentença seja interpretada e o significado acessado. Vale salientar a importância da relação entre forma e sentido para essa metáfora (formas são recipientes para o significado).

O exposto é retratado na seguinte representação:

#### METÁFORA DO CONDUTO

**IDEIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS**

**EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES**

**COMUNICAR É ENVIAR**

A Metáfora do Conduto representa os atos de comunicação como atos de transferência física de objetos, em que falante e ouvinte enviam objetos um para o outro. Os objetos transferidos são significados, enquanto os contêineres em que são colocados são as formas linguísticas, conforme ilustrado por expressões tais como ‘colocar ideias em palavras’, ‘pegar o que foi dito’, ‘jogar palavras ocas’, etc.

### 3. Metodologia: Objetivos/ Justificativa

O discurso religioso está entre as esferas que, carregadas de valor, tem seus próprios usos específicos do *domínio* e do gênero, porém através de um exame mais preciso, pretende-se mostrar que sua estrutura vai muito além disso. Inocentemente, pode-se pensar no discurso religioso como amplamente abstrato e desencarnado, mas a mensagem religiosa é falada e compreendida por humanos ancorados em um corpo (*embodied*). Nesse sentido, envolve aspectos culturais relacionados às experiências humanas, de modo que cognição e linguagem são significativos à compreensão da cultura e de valores sociais, e essenciais ao entendimento da própria humanidade. Tendo em vista que esses fatores estão inerentemente associados à linguagem figurada, o campo para o estudo das metáforas nesse ambiente mostra-se, portanto, fundamentado.

Dentro dessa perspectiva, os objetivos da presente pesquisa incluem a investigação da ocorrência de metáforas no discurso religioso, bem como a descrição das inter-relações entre os mapeamentos metafóricos identificados.

#### 3.1. Dados

Pelos motivos expostos, os dados analisados na pesquisa foram transcritos da pregação do pastor e escritor Luciano Subirá (2015) intitulada “Até que nada mais importe”. A pregação, com duração de 1:02h, foi extraída do site youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=J7s56bNENQA>). Subirá é pastor da Comunidade Alcance em Curitiba/PR e preside o Ministério Orvalho.com.

#### 3.2. Hipóteses:

Para análise do discurso supracitado, foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

- (i) a figuratividade e, em especial, o uso de metáforas exerce papel fundamental na estruturação da pregação religiosa;

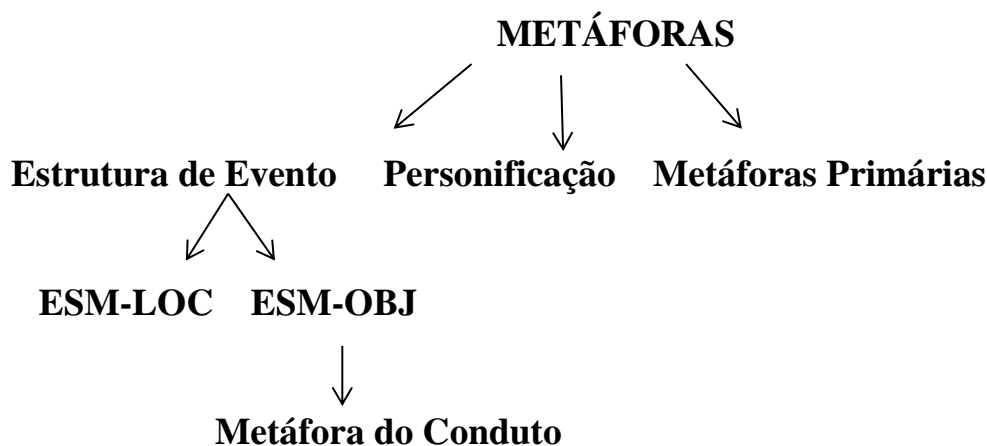


(ii) a estrutura da pregação evidencia mapeamentos complexos, estabelecendo inter-relações entre diferentes níveis de esquematicidade/especificidade.

#### 4. Análise:

A análise dos dados identificou uma ocorrência significativa de metáforas no discurso selecionado. Nesta seção, esses usos metafóricos serão descritos e exemplificados. O objetivo é caracterizar os mapeamentos metafóricos evidenciados na comunicação do pastor com os fiéis e, principalmente, destacar os mapeamentos mais produtivos na estruturação da pregação.

No corpus analisado, foi encontrado um número total de 155 metáforas, distribuídas de acordo com o esquema a seguir:



Das metáforas apresentadas, as Metáforas de Estrutura de Evento – Locativa (ESM – LOC) e Objeto (ESM – OBJ) somam um total de 89, compondo 57% do total de metáforas. Por outro lado, as Personificações correspondem a 55 mapeamentos, representando um total de 35% das metáforas identificadas. De forma menos frequente e sistemática, observaram-se Metáforas Primárias, correspondendo a 7% dos casos. Esses resultados indicam que as metáforas de ESTRUTURA DE EVENTO (LOC e OBJ) e as PERSONIFICAÇÕES são as mais proeminentes no corpus, como indicado na tabela a seguir:

**METÁFORAS ENCONTRADAS NOS DADOS**

<b>Tipo</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>ESTRUTURA DE EVENTO (ESM)</b>	<b>89</b>	<b>57%</b>
ESM – LOC	47	30%
ESM - OBJ (Met. Ontológica)	42	27%
<b>Personificação (Met. Ontológica)</b>	<b>55</b>	<b>36%</b>
<b>Metáfora Primária</b>	<b>11</b>	<b>7%</b>
<b>Total</b>	<b>155</b>	<b>100%</b>

Tabela 1 – Distribuição de metáforas em termos de frequência

Dada à frequência e a constatação de que as metáforas de ESTRUTURA DE EVENTO e as PERSONIFICAÇÕES estruturam a base do discurso analisado, esses dois tipos de metáforas constituíram o foco da pesquisa. As demais metáforas encontradas (Metáforas Primárias) não apresentam regularidade significativa, e são citadas de maneira esparsa, conforme a necessidade de uso do pregador. Essas metáforas serão exemplificadas no final da seção.

#### 4.1. Esquema imagético de trajetória

Conforme descrito anteriormente, a Metáfora de Estrutura de Evento - Locativa foi evidenciada em 47 expressões metafóricas, que compreendem 30% das construções totais. Na ESM – LOC, embora os mapeamentos estabelecidos compartilhem a fonte Local/Movimento e o alvo Estrutura de Evento, muitas são as projeções possíveis, conforme evidencia a seguinte sistematização:

---



---

#### **ESTRUTURA DE EVENTO É LOCAL/MOVIMENTO**

---



---

**FONTE: LOCAL/MOVIMENTO  
ESTADO**

**ALVO: ESTRUTURA DE EVENTO LOCAL**

**MOVIMENTO (mudança de local)**

**MUDANÇA DE ESTADO**

**MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO**

**AÇÃO**

**DESTINO**

**PROPÓSITO**

**MOVIMENTO P/ FRENTE**

**PROGRESSO NA AÇÃO C/PROPÓSITO**

**INABILIDADE DE MOVIMENTO****INABILIDADE DE AGIR****IMPEDIMENTOS****DIFICULDADES****CRUZAMENTOS****ESCOLHAS NAS AÇÕES**

Esse conjunto de mapeamentos mais esquemáticos, por sua vez, foram evidenciados, no corpus, em níveis hierárquicos mais específicos, conforme o esquema a seguir:



Assim, a ESM - LOC compreende a metáfora bastante esquemática **AÇÃO É MOVIMENTO**. Em um nível hierárquico mais baixo, o esquema imagético de trajetória pode estruturar metaforicamente o mapeamento **ATIVIDADE COM PROPÓSITO É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL**, que constitui uma especificação da metáfora anterior.

Dentro dessa perspectiva, um nível mais elaborado da ESM - LOC converge na metáfora conceptual **ATIVIDADE COM PROPÓSITO É VIAGEM**, que envolve os mapeamentos metafóricos do frame ‘viagem’. Observa-se que esse frame é um detalhamento, uma especificação do ‘Movimento direcionado a um local’. Sendo assim, integra inúmeros

componentes, como destino, viajante(s), obstáculo, avanço, retrocesso, e poderia conter ainda como componente o veículo, por exemplo. O mapeamento de ‘Atividade com propósito’ vinculado ao subframe ‘Viagem’, por sua vez, pode gerar outros mapeamentos mais específicos como: VIDA É VIAGEM, CARREIRA É VIAGEM e, mais diretamente relacionado ao foco do presente trabalho, RELIGIÃO É VIAGEM.

No contexto do culto, a metáfora conceptual RELIGIÃO É VIAGEM adquiriu a elaboração CULTO É VIAGEM. Embora esse último mapeamento tenha apresentado baixa incidência no corpus, é relevante à pesquisa pelo que repercute em termos inferenciais, como pode ser constatado a seguir:

(1) “Filipenses 3, a partir do versículo 7. Apertem o cinto de segurança! Filipenses, capítulo 3, versículo sete 7,o apóstolo Paulo diz assim”. (Subirá, 2016)

O pregador trata o culto como uma viagem de avião, a partir das projeções que esse mapeamento permite, observe:

### **ATIVIDADE COM PROPÓSITO É VIAGEM**

---



---

#### **CULTO É VIAGEM**

---



---

#### **FONTE: VIAGEM**

**Veículo**

**Passageiros**

**Piloto**

**Movimento autopropulsionado (apertar o cinto)**

#### **ALVO: CULTO**

**Avião**

**Fiéis**

**Pastor**

**Ação(preparar-se para o culto)**

---



---

Sendo o culto uma viagem e considerando-se a expressão: “Apertem os cintos!”, essas entradas permitem o mapeamento em que o veículo é o avião, os passageiros são os fiéis, o piloto é o pregador.

Ao utilizar a expressão para dar início ao culto, o pastor aciona inferências importantes para dar sentido ao evento. Tendo em vista que o culto é uma prática religiosa que envolve diversos rituais (oração, louvor, dízimo, ensinamento/aprendizagem bíblica, comunhão com outros discípulos de Jesus, entre outros), a metáfora “apertem os cintos”, além de enquadrar o culto como viagem, pode sinalizar que essa viagem não será comum. O pregador é o piloto e não quer que os passageiros sofram acidente, mas a palavra escolhida foi “apertem”; note-se que o orador poderia ter dito: “Coloquem os cintos!”. Uma possível inferência à citação metonímica do cinto de segurança (para indicar preparação para a viagem), relacionado à escolha das palavras, é a de que o pregador pretende abordar algum ponto impactante para os cristãos. A viagem pode ser mais intensa, mais rápida, ou de alguma forma, mais turbulenta do que as viagens de costume.

Pelo exposto, fica clara a importância dos processos inferenciais associados às metáforas, que decorrem, por sua vez, dos frames estabelecidos a partir de um determinado ponto de vista. No exemplo discutido nesta seção, as inferências seriam muito diferentes se o pastor tivesse dito “Apertemos os cintos” – nesse caso, haveria o mesmo acesso ao frame de viagem, mas tanto pastor quanto fiéis seriam passageiros.

#### **4.1.2 A vida espiritual é Movimento Direcionado**

A análise dos dados permitiu a constatação de que a Metáfora de Estrutura de Evento - Locativa permite, ainda, a distribuição de outro conjunto de metáforas, hierarquicamente organizado, originando a seguinte representação:

**METÁFORA DE ESTRUTURA DE EVENTO - LOCATIVA**



**AÇÃO É MOVIMENTO**



**ATIVIDADE COM PROPÓSITO É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL**



**RELIGIÃO É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL**



**CONVERSÃO É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL**



**RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL**



<b>RELACIONAMENTO</b>	<b>RELACIONAMENTO</b>
<b>COM DEUS</b>	<b>COM DEUS</b>
<b>É</b>	<b>É</b>
<b>MOVIMENTO</b>	<b>MOVIMENTO</b>
<b>AUTOPROPULSIONADO</b>	<b>CAUSADO</b>

O esquema proposto, do mais esquemático ao mais específico, será descrito a seguir.

Constata-se, através da análise do corpus, que a metáfora conceptual **ATIVIDADE COM PROPÓSITO É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL** apresenta uma construção mais elaborada resultando na metáfora **RELIGIÃO É UM MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL**, que por sua vez, abrange subframes como **CONVERSÃO (CONVERSÃO É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL)** e **RELACIONAMENTO COM DEUS**.

Esse último compõe a metáfora RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL, cujas especificações a partir de perspectivas distintas, compõem RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO e RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO CAUSADO; nesses casos, os mapeamentos recrutam elementos diferentes de um mesmo frame.

Um exemplo de metáfora localizada no corpus, que configura RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO, encontra-se no seguinte trecho da pregação, em que o pastor reporta o que ouviu de Deus:

(2) “Quando você chegar a um lugar, onde nada, absolutamente nada é mais importante do que me buscar, você chegou onde eu quero que você chegue.” (Subirá, 2016)

O exemplo (2) pode ser analisado conforme detalhamento abaixo:

- (i) PROPÓSITO (priorizar Deus) É DESTINO (Onde nada mais importe).
- (ii) MUDANÇA DE ESTADO (Relacionamento mais íntimo com Deus) É MUDANÇA DE LOCAL (Quando você chegar/você chegou).
- (iii) AÇÃO É MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO (chegar/chegou).
- (iv) FIEL É CAMINHANTE.

Verifica-se o relacionamento com Deus como um percurso (uma vez que envolve: DESTINO, MUDANÇA DE LOCAL, MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO, CAMINHANTE) a ser realizado pelo cristão, cujo destino é uma orientação de vida em que Deus venha em primeiro lugar. A vida espiritual do seguidor de Cristo equivale ao trajeto; trata-se de um movimento voluntário, autopropulsionado, em que a manifestação de Deus é indicar aonde quer que o fiel chegue; todavia, a caminhada é iniciada e só pode ser concluída pelo próprio fiel. Literalmente, esse ponto é um lugar, como sinaliza a utilização do pronome ‘onde’, mas metaforicamente indica o momento da vida do seguidor de Cristo em que Deus será mais importante do que qualquer outra coisa.

O pastor, no fragmento (2), tece um resumo de toda a pregação assumindo a voz de Deus, que foi manifestada de diferentes maneiras ao longo de toda a mensagem, convergindo nessa instrução. Observe outras passagens da pregação:

(3) “eu tenho que fazer mais pra Deus, eu tenho que busca-lo!” (Subirá, 2016)

(4) “eu oro que o Senhor encontre um lugar de resposta mais profundo em nós, pra que a gente chegue a esse padrão de busca, pra que a gente alcance aquele lugar aonde nada, nada, nada mais importe!” (Subirá, 2016)

Ambas as expressões integram a metáfora RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO, ou seja, deslocamento por iniciativa própria, mas detectam-se frames distintos, o que ocasionará projeções com inferências diferentes. Os dois exemplos contêm a metáfora esquemática RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL, porém na primeira elaboração, em (3), a inferência enfatiza o procedimento que o falante adotará no PERCURSO: “fazer mais”; na segunda, em (4), o DESTINO (PROPÓSITO) é destacado: “pra que a gente alcance aquele lugar aonde nada, nada, nada mais importe”. Os fragmentos representam a mesma metáfora RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO, de modo que o *domínio* fonte e o *domínio* alvo são idênticos; porém, elementos diferentes dos frames são destacados em cada uma.

Outra possibilidade de seleção de perspectiva na metáfora RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL é RELACIONAMENTO COM DEUS É MOVIMENTO CAUSADO, que pode ser observada na seguinte expressão metafórica:

(5) “o anseio de Deus de nos levar a um lugar mais profundo Nele.” (Subirá, 2016)

Em relação ao exemplo (5), é possível estabelecer as seguintes relações:

(i) “o anseio de Deus de nos levar”: DEUS É CONDUTOR e PASTOR/FIEL SÃO CAMINHANTES;

(ii) “nos levar a um lugar”: MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE LOCAL.



(iii) “profundo Nele”: DEUS É LOCAL; a intimidade com Deus medida pela profundidade de um local, de modo que Deus é concebido como lugar/destino e a profundidade é relacionada a esse ambiente espacial.

É interessante perceber que existe uma condição para o MOVIMENTO CAUSADO em que Deus é o condutor: é preciso o consentimento do cristão para que ocorra o movimento. O “querer”, o “anseio” e diversos verbos volitivos são utilizados ao longo da pregação vinculados ao desejo de Deus de direcionar, uma vez que Ele só conduz o fiel que se permite ser conduzido. Conclui-se, portanto, que no discurso religioso evangélico, especificamente, quando o condutor é Deus, o MOVIMENTO CAUSADO é uma consequência do MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO. Vejamos alguns exemplos:

- (6) “E Ele não espera que a gente faça isso apenas pela obrigação de fazer, mas por desejar. E nesse dia eu comecei a entender porque Deus estava querendo me levar a um lugar de arrependimento.”(Subirá, 2016)
- (7) “Há um lugar, querido, onde nada mais nos satisfará a não ser a presença Dele; é nesse lugar que Deus quer nos levar quando nós somos atraídos por Ele.”(Subirá, 2016)

Todas as análises efetuadas até o momento associadas à METÁFORA RELIGIÃO É MOVIMENTO DIRECIONADO A UM LOCAL, podem ser sintetizadas na seguinte estrutura:

- (i) Independente do trajeto assumido atribui-se um destino:  
 “Quando você chegar a um lugar, onde nada, absolutamente nada é mais importante do que me buscar, você chegou onde eu quero que você chegue.”  
 PROPÓSITO É DESTINO.
- (ii) Podem ocorrer obstáculos:  
 “E quando eu cheguei nesse texto, eu enrosquei nesse texto, eu não sei explicar o que é isso, mas tem hora que tem um texto que chama a atenção, que ele te prende.”  
 INABILIDADE DE AGIR É INABILIDADE DE MOVIMENTO.

- (iii) Chegar ao destino é desejável, avançar para um local mais próximo do destino constitui um progresso na realização do objetivo: “O poder de Deus entrou naquele ambiente de uma forma impressionante”.
- PROGRESSO NA AÇÃO COM PROPÓSITO É MOVIMENTO PARA FRENTE.
- (iv) Pode haver impedimentos:
- “Tem muita gente, que orou pra tá na universidade e depois se perdeu no lugar onde deveria ser sal e luz.”
- DIFICULDADE É IMPEDIMENTO.
- (v) Avanço ou retrocesso são mapeados como Mudanças de Estado:
- “Tem muita gente que orou por um relacionamento, e agora tá deixando que esse relacionamento te arraste para imoralidade e pra longe de Deus.”
- MUDANÇA DE ESTADO É MOVIMENTO – MUDANÇA DE LOCAL.
- (vi) É possível ainda, em algum momento desse percurso, ocorrer o mapeamento de escolhas a serem feitas:
- “até mesmo o casamento, ideia de Deus, benção de Deus, plano de Deus, se se tornar uma desculpa pra que a gente não busque a Deus, ele tomou o lugar errado.”
- ESCOLHAS NAS AÇÕES SÃO CRUZAMENTOS.

Em resumo, os mapeamentos metafóricos discutidos nesta seção indicam que a Metáfora de Estrutura de Evento - Locativa pode ser realizada a partir de diferentes perspectivas sobre a vivência espiritual. Embora o relacionamento com Deus possa ser concebido a partir do esquema imagético de trajetória (deslocamento para um local), os mapeamentos estabelecidos podem variar. Assim, o fiel pode se movimentar por conta própria ou pode ser conduzido por Deus.

#### **4.2. Metáfora de Estrutura de Evento - Objeto**

Outro tipo de Metáfora de Estrutura de Evento é a ESM OBJ (Metáfora de Estrutura de Evento - Objeto). Foram encontrados 42 ESMs - OBJ, que compreendem um total de 27% dos mapeamentos obtidos nos dados. Essa construção envolve projeções que tratam eventos abstratos como manipulação de objeto. Assim, há expressões metafóricas que envolvem segurar um objeto e jogá-lo:

- (8) “os nossos pecados, que o Senhor não lembra, que o Senhor joga no fundo do mar”.  
(Subirá, 2016)

ou tê-lo:

- (9) “porque nunca tivemos tanto alimento.” (Subirá, 2016)

Observe a declaração a seguir:

- (10) “mas o dia inteiro, ele ficou me perseguindo, martelando na minha cabeça, o texto diz assim:” (Subirá, 2016)

Na metáfora destacada, o texto configura-se como entidade. Ele aparece personificado (perseguindo), procedimento que será comentado adiante, mas também é mapeado como objeto. A expressão “o dia inteiro”, somada a ideia de marteladas, infere repetição constante do texto (versículos bíblicos), na mente do orador, compondo a metáfora: A PALAVRA DE DEUS É ENTIDADE (OBJETO). Atente para próxima passagem:

- (11) “rotina, hoje ela foi quebrada, não estou nem na minha igreja, nem na minha cidade”.  
(Subirá, 2016)

Tal fragmento compreende a metáfora ROTINA É ENTIDADE (OBJETO), uma vez que “rotina” é configurada como entidade inanimada, possivelmente por seu caráter “manipulável”, que permite a conexão da sequência de procedimentos habituais (rotina) a qualquer material que pode ser percebido pelos sentidos (objeto). Uma interpretação possível da metáfora destacada é a de rompimento da rotina, acontecimento diferente do frequente.

Pode-se encontrar uma especificação da objetificação, detendo-se àquelas construções com esquema imagético de contêiner (recipiente), conforme os exemplos a seguir:

(12) “talvez ia abrir o coração lá no mercado” (Subirá, 2016), CORAÇÃO É CONTÊINER.

(13) “eu vou enchê-los do meu Espírito” (Subirá, 2016), CRISTÃO É CONTÊINER, ESPÍRITO SANTO É SUBSTÂNCIA.

#### 4.2.1. Metáfora do conduto

Um subtipo da Metáfora de Estrutura de Eventos - Objeto é a Metáfora do Conduto, que se refere à comunicação assumida como transferência de objeto. Consideremos o exemplo a seguir:

(14) “Paulo está dando pra nós uma noção aqui em Filipenses do que é busca-lo como deveria.” (Subirá, 2016)

É possível declarar que Paulo (o emissor do comunicado) transmite uma mensagem (objeto) em palavras (recipiente \_ a noção do que é buscar a Deus, mencionada no livro bíblico de Filipenses) aos interlocutores (fiéis/pastor). A metáfora do conduto é mais um exemplo de como a experiência do homem com/no mundo reflete-se cognitivamente na linguagem, pertencente ao grupo de metáforas ontológicas.<sup>1</sup>

### COMUNICAÇÃO VERBAL É TRANSFERÊNCIA DE OBJETO:

=====

#### IDEIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS

=====

**FONTE: Transferência**

**ALVO: Comunicação**

<sup>1</sup> As metáforas ontológicas constituem uma categoria superordenada, envolvendo toda e qualquer caso em que conceitos abstratos são tratados como objetos ou pessoas. Nessa modalidade, incluem-se, portanto, as ESM-Objeto, a Metáfora do Conduto (que é um subtipo de ESM-Objeto) e as Personificações.

<b>DOADOR</b>	<b>EMISSOR</b>
<b>MENSAGEM</b>	<b>OBJETO</b>
<b>PALAVRA</b>	<b>RECIPIENTE</b>
<b>RECEPTORES</b>	<b>FIÉIS/PASTOR</b>
<b>MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO:</b>	<b>AÇÃO</b>

Os mapeamentos apresentados acima podem ser observados no exemplo (14), em que Paulo é concebido como doador/emissor do movimento autopropulsionado/ação verbal de ‘doação’ de um objeto/mensagem para os fiéis (‘dando uma noção para nós’) através de um recipiente/palavra (‘aqui em Filipenses’).

É proveitoso citar, ainda, outros exemplos do corpus:

- (15) “para que a tua palavra seja vivificada dentro de cada um de nós e cumpra, como diz o livro de Isaías, e cumpra o propósito pelo qual foi enviada”. (Subirá, 2016)
- (16) “a palavra que Deus me trouxe aquele dia”. (Subirá, 2016)

Em cada uma das partes citadas, a metáfora esquemática é COMUNICAÇÃO VERBAL É TRANSFERÊNCIA DE OBJETO, apresentando a mensagem como enviada por um conduto, através do qual o ouvinte/leitor extrairá um significado.

### 4.3. Personificação

Outra classe de metáfora em que o objeto físico é conceituado como entidade é a personificação. No corpus, esse tipo de metáfora compreende um total de 55 expressões metafóricas, correspondendo a 36% das realizações contidas nos dados. Registra-se entre as metáforas de maior incidência, depois das ESM (LOC E OBJ), motivo pelo qual também foi analisada mais detalhadamente. A personificação permite a compreensão de uma grande variedade de experiências com entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas. Consta entre as metáforas ontológicas mais óbvias, a

projeção de um ser inanimado como animado, ou o inverso (entidade), conforme Lakoff e Johnson (1980, 1999).

Consideremos alguns exemplos de personificação na pregação:

- (17) “ceia, banquete, na bíblia, querido, não fala só de a gente sentar e comer, fala de comunhão, fala de intimidade”. (Subirá, 2016)
- (18) “o problema é que distração é diferente de pecado, não vem com cara de inimigo, mas consegue nos afastar Dele”. (Subirá, 2016)
- (19) “um texto que chama a atenção, que ele te prende.” (Subirá, 2016)

No fragmento (17) o evento “ceia, banquete” aparece como entidade comunicadora; em (18), a distração é personificada, entidade que possui face, enquanto em (19), o texto configura-se como entidade que impede o indivíduo de prosseguir um percurso, chamando sua atenção ou prendendo-o, o que também caracteriza personificação.

#### **4.4. Deus: condutor, local ou objeto?**

Como descrito anteriormente, as metáforas mais frequentes no corpus foram as ESMs (LOCATIVA e OBJETO) e a PERSONIFICAÇÃO. Em especial, quando se trata de referência a Deus, os dois tipos de metáforas também se destacam. Observa-se que, durante todo discurso, Deus tanto pode constituir alguém que conduz: DEUS É CONDUTOR (a), como pode apresentar-se como OBJETO (b), ou como LOCAL: DEUS É LOCAL (c). As seguintes passagens atestam o que foi dito:

- (a)
- (20) “Ele me levou pra Lucas”. (Subirá, 2016)
- (21) “comecei a entender por que Deus estava querendo me levar a um lugar de arrependimento”. (Subirá, 2016)
- (b)

(22) “Há um lugar, querido, onde as coisas não se tornaram necessariamente proibidas, mas elas se tornaram menos interessantes do que o grande objeto da nossa fascinação, que deve ser Jesus.” (Subirá, 2016)

(c)

(23) “Ele quer ser o Centro”. (Subirá, 2016)

(24) “Ele nunca pediu isso, mas Ele queria ser a prioridade, ainda que a gente possa fazer outras coisas. Agora, quando outras coisas concorrem com esse lugar, elas se tornaram distrações”. (Subirá, 2016)

Os casos em que Deus é concebido como condutor são exemplos de metáforas ontológicas, já que condutores são pessoas.

Os dados evidenciam, ainda, a ocorrência de outros mapeamentos metafóricos, que envolvem outros tipos de personificação:

(25) “O Senhor diz: ‘Eu quero ter comunhão com você, eu quero que você me busque, porque eu quero não apenas que você me encontre, eu quero te encontrar!’ ” (Subirá, 2016)

(26) “Querido, desde que Deus criou o homem, Ele tá buscando comunhão e relacionamento”. (Subirá, 2016)

(27) “Deus espera que a gente o busque pra valer, Deus espera que a gente possa empenhar tudo de nós nessa busca.” (Subirá, 2016)

Nos exemplos (25) a (27), Deus é concebido como uma pessoa com quem se pode encontrar, buscar ou estabelecer um relacionamento. Dentro dessa perspectiva, vale destacar metáforas convencionalizadas, que passam a ser utilizadas inconscientemente. Observemos o seguinte dado:

(28) “Mas em tudo isso, querido, eu não consigo te explicar, eu sentia o amor de Deus, tentando não apenas (a) me corrigir, mas (b) levar a um lugar de uma resposta real e mais profunda.” (Subirá, 2016)

A Metáfora Conceitual de Deus como PAI SEVERO (a) espelhada na expressão metafórica “me corrigir” pode ser compreendida, uma vez que cabe ao pai o ensino, a correção do filho, e o termo correção comporta a ideia de severidade.

Deus como PAI PROTETOR (b) apresenta-se também no discurso, uma vez que o orador sente amor por Aquele que o conduz, “leva” a uma resposta real. A configuração da figura paterna como aquele que direciona o filho ao caminho correto é a demonstração de cuidado que nutre o sentimento de amor do filho, o pregador, compondo um exemplo da METÁFORA MORAL aplicada a Deus. O exame desse trecho sugere que no discurso religioso evangélico a figura do PAI PROTETOR sobrepõe-se a figura do PAI SEVERO, sendo a severidade de Deus justificada por sua proteção.

Dado o exposto nesta seção, o que se verifica é que a conceptualização de Deus recorre aos mesmos mapeamentos metafóricos que perpassam o discurso religioso evangélico, envolvendo metáforas ontológicas (Deus como pessoa ou objeto) e metáforas de estrutura de evento, em que Deus é concebido como local.

#### 4.5. Metáforas Primárias

As metáforas primárias somaram um total de 11 mapeamentos metafóricos, correspondendo a 7% das metáforas localizadas na pregação. Dentre as metáforas desse tipo encontradas no corpus, tem-se a metáfora DIFICULDADE É ALGO PESADO, materializada no fragmento:

(29) “Ele me disse: ‘Eu não estou colocando você debaixo de um peso ou de uma obrigação. O seu problema é olhar pra essa busca, quase como se ela fosse uma espécie de punição’ ”. (Subirá, 2016)

Em (44), o pastor reproduz uma mensagem de Deus, segundo a qual alguns evangélicos, inclusive o próprio pastor, inferem que conhecer e ter experiências com Deus é punição, o que não agrada a Deus.



Encontra-se no discurso, ainda, a metáfora primária MENOS É PARA BAIXO:

- (30) “o que antes pra mim era importante ... Cai pra um lugar de inferioridade, pra um patamar bem inferior”. (Subirá, 2016)

No exemplo, o pastor metaforicamente posiciona suas prioridades como elemento objetificado, que agora não tem mais prioridade, em um lugar baixo, inferior. De forma análoga a metáfora MAIS É PARA CIMA, pode ser vista nos trechos abaixo:

- (31) “Qual é o maior de todos os mandamentos?” (Subirá, 2016)  
 (32) “Deus diz: ‘Eu não quero só a roda girando, eu não quero só a performance sendo mantida num padrão elevado.’ ” (Subirá, 2016)

Em (31) o maior não se refere ao tamanho do mandamento, mas a sua importância, já em (32) encontra-se a associação das metáforas MAIS É PARA CIMA e MAIS É MELHOR.

Os dados apresentados nesta seção confirmam, para o discurso religioso, a ideia de que metáforas primárias podem conectar esquemas espaciais muito gerais e esqueléticos com conceitos sociais e culturais complexos, conforme apontado na literatura.

## 5. Conclusão

As bases locativa e ontológica, que percorrem todo discurso, entrelaçam linguística e cognitivamente inúmeras manifestações, confirmando a hipótese proposta de que um mapeamento metafórico complexo, como o exposto, estabelece relações entre diferentes níveis de esquematicidade/especificidade, cuja construção está alicerçada em expressões metafóricas conectadas entre si, conforme propõem Dancygier e Sweetser (2014).

Dentro dessa perspectiva, a análise constatou ainda o papel fundamental das metáforas na estruturação da pregação religiosa evangélica, cuja base da composição envolve metáforas ontológicas (Deus como pessoa ou objeto) e metáforas de estrutura de evento, em que Deus é

concebido como local. Esses resultados evidenciam, portanto, que se conceitualiza o transcendental através *domínios* mais intersubjetivamente acessíveis.

Testifica-se, pelo exposto, que o presente trabalho ultrapassa os limites de uma exposição das metáforas presentes e evidencia a metaforicidade desenvolvida na estrutura do discurso. Esses mapeamentos, por sua vez, fazem parte da realidade social em que a pregação acontece, uma vez que repercutem o ponto de vista de um ser, entre outros aspectos, social e cultural, externando a estruturação de mundo da sociedade que as utiliza.

## REFERÊNCIAS

CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. **Metaphor, gesture, and thought. The Cambridge handbook of metaphor and thought**, 2008, 483-501.

COSTA, Carla Nascimento da. **Metáforas do casamento no discurso religioso**. 142 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) – Curso de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro. 2010.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve **Figurative language**. Cambridge University Press, 2014.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_; TURNER, Mark. **The Way We Think**. 2002.

FELTES, Heloisa Pedrosa de Moraes; GRANZOTTO, Carina Maria Niederauer. **Semântica cognitiva: o modelo do PAI PROTETOR no Sistema da Metáfora Moral**. A Cor das Letras, v. 8, p. 241-251, 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/39583/25289>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

FILLMORE, C. Frame semantics. In Linguistic Society of Korea, ed., **Linguistics in the Morning Calm**, 111-138. Seoul: Hanshin, 1982.

\_\_\_\_\_. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di semantica* 6(2), 222–53, 1985.

Grady, Joseph. **Theories are buildings revisited**. *Cognitive Linguistics* 8, 267–90. 1997

\_\_\_\_\_. **The “Conduit” Metaphor revisited: a reassessment of metaphors for communication**. In Koenig (ed.), 1–16. 1998.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press. 1980.

\_\_\_\_\_. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books. 1999.

\_\_\_\_\_. **Metáforas da vida Cotidiana**. (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto) – Campinas. São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Edpuc, 2002.

Leme, H. G. S. **Indeterminação e metáforas no discurso religioso: a construção do sentido no discurso do Evangelho da Prosperidade**. 215 f. Trabalho de conclusão de curso (Tese) - Curso de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC-SP. 2003. KÖVECSES.

LOPES, Bráulio Brandão de Oliveira. **Metáforas divinas: a conceptualização metafórica de deus no discurso religioso evangélico**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO, 5, 2015, Belo Horizonte. **Anais**. Minas Gerais: UFMG. Disponível em: <<http://150.164.100.248/congressometafora/data1/arquivos/Lopes.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

REDDY, M. (1979). **The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language**. In ORTONY, A. (ed.), *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 164-201, [1979]1993.

SUBIRÁ, Luciano. **Até que nada mais importe**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J7s56bNENQA>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

Sweetser, Eve. 1990. **From etymology to pragmatics**. Cambridge University Press.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

VERÔNICA DE ARAÚJO DORNELAS DUTRA

DRE: 111367505

"É NESSE LUGAR QUE DEUS QUER NOS LEVAR...":  
METÁFORAS DE ESTRUTURA DE EVENTO E PERSONIFICAÇÃO NO  
DISCURSO RELIGIOSO EVANGÉLICO.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literatura.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora  
Prof. + titulação + instituição a que pertence

NOTA: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome completo do Leitor Crítico  
Prof. + titulação + instituição a que pertence

NOTA: \_\_\_\_\_

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

